Numa outra vida

— Amor! Amor! Onde estás?

— Junto de ti.

— Não te vejo.

— Desmoronados, somos, não só para si que permanecemos na Terra, mas ainda para os outros, impalpáveis e insistentes.

— Então esta vida é um tormento! Se algumas vezes encarei com menos horror a ideia da morte por pertencer que, de novo e eternamente, te ama, tal como no Mundo te conheci, branca e loira, com os teus olhos azuis e os teus cabelos loiros e compridos, lábios e tez o teu corpo de adolescente.

— Tinha vinte anos. Mas quantas vezes me disseste: «Vida nova criança!»

— Conservamos, da criança, a espontaneidade e o entusiasmo, mas à purezas da sua alma dir-se-ia de outra essência.

— Sei que, depois de os morrer, me chamaste «irmã».

— E então? Sabes ao que quanto fizemos os viventes?

— Fizeste como se que, quando te deixaste o imaginário ocrual não existíamos vivos? A vida corpórea não é a a avidez consolada por Deus as criaturas

— Pode chamar-se vida a esta troca de pensamentos entre seres eleiscos?! Nem mesmo com palavras conseguimos, pois não corpo não temos ou. Outra espécie de comunicação será esta, não como pareci-lhe-ia será esta, não como pareci-lhe-ia, não cuidado de amor, não apenas amo e conservando a memória do outro? Quando realmente existia, não me chegavam os cinco sentidos, mas em dois que parecia-me a sensações da alma. Nem pude nunca conceber a fusão das

POR

JOSÉ OSÓRIO DE OLIVEIRA

almas sem a prévia atracção dos corpos.

— Tornámo-nos imateriais, mas existimos como espíritos. Se pretendes dizer que não existimos, nós somos, como o próprio dia almas. Acabas de reconhecer que o percepção física não te bastava, como não te bastava a mim para conhecer-te, a suprema realização humana, que é o Amor. Não te lembras de que, quando te perguntava se me amavas, mais perto me sentia de ti, como se, unindo-me a Deus, permanecesse ainda mais junto de ti, porque me dedico o nome do espírito do ser se não por ordem da minha alma, mas do que pudera dar-te o meu corpo, mesmo quanto intrinsecamente o possuía.

— Não negues, quando habitante da Terra, a importância da alma, nem deixes, em absoluto, na sobrevivência. Vivíamos longe um do outro, e, quando nos encontrávamos, ficava prever o fim. Por — juro, forte e sensível como era — apaga que tinhas morrendo antes de atingir tua morte. Agora de relatar-te, da minha vida, adivinhei-lo, recebido de ti própria e terrível sofrido. Não pertenda ter, em vida, minha morte, ignorava com o que se Mundo chamamos o Além? Sem dúvida, aqueles que organizaram nem esta atitudes, diversas de ser cortesa de que não nada sua vida.

— Não ouçam, no momento, porque dizes as palavras que nem sequer tornaram a nossa pertencer, compreendi, depois, ter quatro tipo-vida, tornar-lhe-ia a ouvir que recebera do mundo onde existia. Não deste crédito à minha presunção, e, quando te ia dizer-te o que a ideia de que eu pudesse ser vítima de um acidente.

— Como compreendo para o agonia de ter a brilhar, há anos, a segunda parte do Cemitério Cativo, a esperança de, finda a leitura, ao humano, ao Amor e ao Mundo, por longa tempo. Talvez, no futuro não acreditasse sentir forma de sobrevivência que não fosse aquela filiação, de que beneficiaria o que na Terra deixam, ao morrer, quem a ruínas com seus filhos.

— Sabes, agora, que há um grão imortal — aquele que de «vida» vida eterna. Não finha razão quando te afirmava que «os homens de junto aqui?

— Isto te é, antes a vida no seu da Eternidade, «cuidem-se» nos de junto inglês! Depois de seu separar-lhe que no Mundo amamos, e Mundo — e Mundo — e aqueles do corpo Destino ou de incompreensível Providência — tange-nos no desapego de, de convencimento, guardar a lembrança da minha, mas tanto teve delicioso não corpo?

Ao falar destas lábras é costume sorrir a palavra amarelo. Com efeito, afirmava que em muitas Universidades o termo é rigorosamente exacto. Em certos aspectos sinto-lo muito que clarer o respeito do Mundo. Talvez seja por isso que tem aparecido com relativa frequência, as mais diversas interpretações e hipóteses que, nestas vem não passam de uma lastimosa colagem de ideias, sem nem sequer um qualquer utilidade positiva. E o problema era tão bonito de fazer solucionar-se! Mas, ao fim e ao cabo, a impossibilidade.

A pintura de Almada Negreiros tem sonho com cão desde as primeiras horas. Camestralmente apoiada por todas quantas vieram segundo Joaquim de Vasconcelos, Ramalho Ortigão e Reis Santos, a pintura resolveram mostrar que Portugal possui um passado pictórico de um, e muito, importante desenvolvimento. Mas, ao fim e ao cabo, o que se pretendia, era, de certa maneira, dar-lhe uma «genealogia» e, ao mesmo tempo, dar-lhe um «pedigree» que a tornasse «gente» e, ao mesmo tempo, «gente» de boa linhagem.

Ao fazer estas lábras é costume sorrir a palavra amarelo. Com efeito, afirmava que em muitas Universidades o termo é rigorosamente exacto. Em certos aspectos sinto-lo muito que clarer o respeito do Mundo. Talvez seja por isso que tem aparecido com relativa frequência, as mais diversas interpretações e hipóteses que, nestas vem não passam de uma lastimosa colagem de ideias, sem nem sequer um qualquer utilidade positiva. E o problema era tão bonito de fazer solucionar-se! Mas, ao fim e ao cabo, a impossibilidade.

A pintura de Almada Negreiros tem sonho com cão desde as primeiras horas. Camestralmente apoiada por todas quantas vieram segundo Joaquim de Vasconcelos, Ramalho Ortigão e Reis Santos, a pintura resolveram mostrar que Portugal possui um passado pictórico de um, e muito, importante desenvolvimento. Mas, ao fim e ao cabo, o que se pretendia, era, de certa maneira, dar-lhe uma «genealogia» e, ao mesmo tempo, dar-lhe um «pedigree» que a tornasse «gente» e, ao mesmo tempo, «gente» de boa linhagem.

ARTES e LETRAS

ASSIM FALA GEOMETRIA

ALMADA NEGREIROS reconstituiu

A OBRA-PRIMA DA PINTURA PRIMITIVA PORTUGUESA NA CAPELA DO FUNDADOR DO MOSTEIRO DA BATALHA

e afirma: "A arte moderna foi renovar-se numa antiguidade que a arte académica já não tinha olhos para alcançar!"

A ainda das pessoas que se preocupavam com o ensaio de pintura, que se tentou, na Universidade comparadamente de há duas semanas, a que Almada não tem estado indolente, antes, pelo contrário, trabalhando, ao que parece, tanto como sempre.

A pedinchar nesta página das biografias relativas à restauração da obra-prima da pintura primitiva portuguesa na Capela do Fundador do Mosteiro da Batalha (Capela do Rei D. João I, que, aliás, não é mais que um «dito» o Pina. A propósito, ainda, a entrevista que nos concedeu o Almada, que, de resto, é um dos seus estudos, trazer outra coisa, da parte sua, tem, ainda, as características diferentes. Agora, dos quereus saber ao «pedigree» que se trata. Com o «pedigree» esperaram por esta quinzena, e, na sequência, uma série de «fotos», o mesmo irá suavizando, à medida que os documentos forem surgindo.

Antes do canone não há nada

E, para desenvolver melhor o seu pensamento, afirma:

«Estamos aqui numa época em que ainda não são positivas regras porque nasce o canone. A data do vaso proveniente de Susa, segundo a cronologia de Woolley, é do IV milénio A. C. Imediatamente encontramos outro vaso, também consideravelmente há trinta, ou quarenta séculos. De fins do Crete (1500 A. C. segundo a cronologia de Evans) que é exactamente a «Idade nova» do Egito. Com esses documentos nos bastar herdar para a leitura de documentos gregos do séc. V a. C. — o tesouro dos Atenienses em Delfos cuja fachada longa, é também arquitrave

a relação nos dá — consiga

Como vê, temos aqui duas bem distintas onde o canone permanece

(Continua na página 17)

VASO DE SUSE
4.º milénio a. C.

«FIGURA SUPERFLUA EXERRORE»
Desenho e legenda de Leonardo da Vinci (sec. XV)

Estes dois documentos, cuja leitura e relação 9/10, estão ligados por 55 séculos

TEMAS

BALANÇA

POR

LUIS FORJAZ TRIGUEIROS

A TE há meia dúzia de anos era inevitável atitude de bom-tom, pelo menos, a de «crítica» técnica ou, quando não o desdém, o polido, esse, até, perfeitamente deformável, de «ignorância» o crescente desenvolvimento técnico que se considerava «artístico» tornou-se uma ameaça para a «alma do espírito». E não foi longe o período pós-guerra, com o surto de progresso económico, iniciado em finais «quite» do baralhado «período

(Continua na página 17)

Organizar uma antologia da obra de um escritor de múltiplas e de diversas correspondências como foi a deste grande e torturado Raul Brandão é conseguir-lo com uma unidade e uma sistematização que o não atraiçoa mas pelo contrário o acrisma, e ajuda, numa gama de horas que podemos chamar mesmo fascinante não a farda fácil para que quase escrito. Depois de ter sido escrito, nem sempre é bom serviço prestado à sua memória aquela opção de sacrifício que tem a tons todos os passos da sua vida e da sua obra que mais tinha de ter feito, tivesse recorrido ao Instituído. Não é este, todavia, o caso de Raul Brandão, pois, sem dúvida, que

(Continua na página 17)

NUN'ÁLVARES

E OS INTELECTUAIS PORTUGUESES

POR

HENRIQUE BARRILARO RUAS

O ano centenário de Nuno Álvares não pode pertencer apenas a alguns portugueses. Nem, agora, não parece que se tenham esquecido, especialmente os mestres, os escritores e os artistas. E no entanto, além do seu nome, que ressoam, da Nação (que o prendo aí) mal e cada uma das línguas e de regiões, naturais ou não, que se alimentam da substância histórica de Portugal, mesmo, o Condestável ainda reagido especial com os intelectuais portugueses.

Não admira, pois, as condições de vida e de trabalho, que dominam o momento normal da cultura portuguesa — «alienado» o nosso lugar do seu destino que teria a ter o gênio, e «alienado» a arte nacional. Ela própria carecem em belo portugês, um português sim, diríamos, aprendido — puro e plástico, instrumento de um pensamento criador. Ela própria foi construir «gente» e «nações» em que parece perder a «alvora harmonia do gênio puro, falho de com o «gênio» acumulado, e «longe» ela-ela da construção do Canto, E a sua profissão não existe, e a sua «gente» é habitual na grande manda, «ocupa-se» e «gerando» cantiro a o «Canto» nunca-pedreiro.

Que se entenda em breve todos os escritores de Nuno Álvares. Não mais uma vez, não para ser surpanhar que se mantenham dentistas alguns dados.

Julgo saber que esta publicação está à procedência, o título particular por dois poemas e gráficos historiadores. Parece que não produzir deste ser acarinhado, facilitado, estimulado, pelo apreciado pelo «Jornal» da Academia de Ciências, pelo «Jornal» da Historia, ou de carácter mais ou menos oficial como a Sociedade de Geografia Portuguesa ou a Sociedade de Língua Portuguesa.

2. Que se reunam o número total dos autores que os «Jornais» atribuem, ao Simão Condestável. Parece-lhe que o número ascende cerca de 300 autores, como nesta uma outra personagem, a «Jornal» e também que é «gigante» não do, (ou não sido ainda) o «gigante» apenas, de «Jornal» do livro.

Em qualquer caso, portanto, «Jornais» ou a que quisemos chamar, — Ele — nas «Jornais» do livro, quando, e não que «Jornais» «gigante» — «Jornais» que «Jornais» «Jornais» «Jornais»

ARTES e LETRAS

ASSIM FALA GEOMETRIA

(Continuado da página 12)

e a interpretação é sempre outra. Se mudarmos o método de ensino, as escolas e para as várias estilos que se modificam, verificamos que acontece sempre a mesma coisa. O cânone é imutável e a interpretação é sempre outra, e sempre diferente. Como não podia deixar de ser, usamos do cânone para nos libertarmos.

Mas permita-me um aparte. Acabei de dizer que é vasto de Sluse e os frescos de Cimabue e Giotto, que tes desenvolvidas há trinta ou quarenta anos. Deveria-se aos arqueólogos cuja cronologia se seguiu Admirável. Com uma bolsa de viagem do nosso Instituto de Alta Cultura, logo me dirigi em Oxford ao Ashmolean Museum. Julgando encontrar Evans, recebera-me alguns de seus continuadores desde a sua morte. Disse-lhes que vinha: informar-me dos seus resultados quando a pintura, depois das descobertas. O seu espanto foi acompanhado por essas palavras: mas nada sabemos dessas pinturas! Ainda em Florença repete-se de outro modo a mesma circunstância. Um grupo de estudiosos do número perfeito, a Mitica, do desenho de Leonardo da Vinci que tem a legenda «figura superflua exercroes. Espanto. Ou me permitam: existe qual arquitura? Respondendo-lhes objectivamente, disse-lhes que o relógio de Ouro. Ainda fiquei mais espantados. Em vista disto, para lhes assegurar as minhas credenciais no estudo do número, declarei-lhes uma determinação da pretensão à pergunta-lhes se a conhecium. Lealmente me confessaram desconhecê-la. Contei-lhes então que encontrara, esta determinação do 5 em palavras quatrocentistas que estão em Lisboa.

O que desejo com estas palavras é indicar ao leitor que, se estabelecer achados arqueológicos que tem beleza geométrica, a qual é, ao mesmo tempo, o que parece ser apenas os criadores de arte e arquiteto e especulativo da medida.

As várias constantes que existem no cânone

— Acabo de nos falar em cânone e em relação nove/dez. Isto é um dos fundamentais do seu trabalho, não é verdade?

— Tem toda a razão na pergunta e recorro que estamos a divulgar já para o número comum do Cânone e relação nove/dez são uma e a mesma coisa. A relação nove/dez é uma constante de cânone. Ao longo da história do número, e é de número que se trata, nos deparamos várias expressões, várias palavras que significam o cânone. Por exemplo a começar pela pentade, passando pela década, *Théon* (na citação de Vitrúvio quando diz: «o número perfeito a que os Gregos chamam Théonas»); e parece que foi Pitágoras quem primeiro usou os termos «número perfeito».

Mas para que entendamos bem como a humanidade estabeleceu continuidade nesta conhecimento gitamos esta frase célebre de Clemente de Alexandria: «Pitágoras, o Tarento deu a Platão o livro de Philolaus».

Esta frase de Clemente de Alexandria estabelece bem a continuidade do conhecimento imutável e do conhecimento imutável, o conhecimento ao pode ser o cânone. O cânone permanece, isto é, contínua.

Almada faz uma pausa e prossegue:

«Outras expressões mais recentes também são significativas da constante relação nove/dez. Por exemplo: enumero de obras que se pode considerar uma expressão do Renascimento.

Simplesmente há aqui uma coisa que não podemos imediatamente comunicar e que é: a separação do número em duas grandes divisões: número em cálculo e número sem cálculo.

Evidentemente, o cânone é sem cálculo; as interpretações do cânone são invariavelmente cálculo ou não-cálculo.

Mas «número de ouro» é cálculo e cavaleiro o cânone mesmo. Os gregos equivoco este que fez eclipsar quase cinco séculos o cânone e estancar de subito a Grécia Renascença de uma noite para uma manhã.

Ora o número perfeito desconhece o «número de ouro», o «número é impossível. São dois sistemas do mesmo número, paralelos entre si, e por sua vez paralelos ao número imanente. A este e a todos os sistemas do número repugna a unidade, isto é, o ponto não-espacial (Aristóteles).

O grande equívoco deu-nos a lucidez de que o cálculo não se controla sendo com o não-cálculo do cânone. Isto mesmo: não se controlam os Pitagóricos separados em Acusmáticos e Matemáticos. Isto é, que a perfeição contém e corrige a caridade.

Além disto, o «número de ouro» «noção divina» (Kepler), «divina proporção» (Luca Pacioli) é apenas divisão proporcional de unidade, a média e extrema razão, que é apenas uma das constantes da relação nove/dez. E se há constantes, no plural, significa que nenhuma delas por si só é capaz da unidade.

A base da reconstituição é a relação nove/dez, linguagem do quadrado

— Então relação nove/dez é a única base do seu trabalho?

— Há outras constantes...

— Por exemplo?

— Posso responder textualmente: quando chegar o meu trabalho eu vou seguir fazer um período único todo o conhecimento geométrico que é do seguinte teor: a divisão simétrica do quadrado e do círculo em partes iguais e partes proporcionais e de origem simétricas das constantes da relação nove/dez, grau, média e extrema razão e prova do nove.

Este período é o único texto de toda a minha especulação para o cânone. Simplesmente, ao dizer que prova do nove o leitor lembra-se imediatamente da aritmética, e aqui servimo-nos da prova dos nove. Aristóteles quando diz: «Geometria é anterior à Aritmética». Trata-se apenas uma das constantes da relação nove/dez. E se há constantes, no plural, significa que nenhuma de elas por si só é capaz da unidade.

A base da reconstituição é a relação nove/dez, linguagem do quadrado

— Então relação nove/dez é a única base do seu trabalho?

— Há outras constantes...

— Por exemplo?

— Posso responder textualmente: quando chegar o meu trabalho eu vou seguir fazer um período único todo o conhecimento geométrico que é do seguinte teor: a divisão simétrica do quadrado e do círculo em partes iguais e partes proporcionais e de origem simétricas das constantes da relação nove/dez, grau, média e extrema razão e prova do nove.

Este período é o único texto de toda a minha especulação para o cânone. Simplesmente, ao dizer que prova do nove o leitor lembra-se imediatamente da aritmética, e aqui servimo-nos da prova dos nove. Aristóteles quando diz: «Geometria é anterior à Aritmética». Trata-se apenas uma das constantes da relação nove/dez. E se há constantes, no plural, significa que nenhuma de elas por si só é capaz da unidade.

Uma descoberta de interesse nacional e universal

— O seu trabalho, pelo que aqui nos vamos de verificar, ultrapassa o simples dos painéis?

— Nesta minha exposição há de facto a coordenação de duas obras que se confundem: uma que se relaciona com o cânone e outra que se relaciona com os painéis. Eram seis painéis pálidos. No resultado do meu trabalho aconteceu que a unidade de composição consagrada pelo cânone é de quinze painéis. Descaem quinze painéis dois foram cortados dois estão incompletos e há dois desconhecidos. Como curiosidade digo-lhe que desses quinze painéis os